

Quando acordava nos bosques, na escuridão e no frio da noite, estendia a mão para tocar na criança que dormia a seu lado. Noites de trevas mais densas do que as próprias trevas e cada dia mais cinzento do que o anterior. Como os primórdios de um glaucoma frio a obscurecer o mundo. A mão subia e descia suavemente a cada fôlego precioso. Afastou o oleado de tela plástica e soergueu-se sob as vestes e cobertores malcheirosos e olhou para leste em busca de qualquer luz, mas nada viu. No sonho de que despertara tinha penetrado numa gruta onde a criança o conduzira pela mão. A luz que traziam brincava sobre as paredes húmidas de calcário ali depositado pelo escorrer da água. Como peregrinos numa fábula, engolidos por um monstro granítico em cujas entranhas se haviam perdido. Fundos canais de pedra onde a água gotejava melodiosamente, como sinos a dobrar no silêncio para assinalar os minutos da terra e as horas e os dias da terra e os anos incessantes. Até que chegaram a uma grande sala de pedra onde havia um lago negro e antiquíssimo e, na margem oposta, uma criatura que ergueu a boca gotejante do rebordo calcário e fitou a luz com olhos brancos e sem vida e cegos como ovos de aranha. O animal baixou a cabeça sobre a água e agitou-a, como que a farejar o que não conseguia ver. Ali agachado, pálido e nu e translúcido, com os ossos de alabastro projectados em sombras nas rochas atrás de si. As vísceras, o coração a bater. O cérebro que pulsava numa campânula de vidro baço. Agitou a cabeça para um lado e para o outro e depois soltou um gemido surdo e deu meia volta e afastou-se em passo trôpego até se eclipsar nas trevas sem ruído.

Com a primeira luz cinzenta ele levantou-se e deixou o rapaz a dormir e caminhou até à estrada e acocorou-se e perscrutou a paisagem que se estendia para sul. Estéril, silenciosa, maléfica. Parecia-lhe que

estavam no mês de Outubro, mas não tinha a certeza. Há anos que deixara de contar os dias por um calendário. Iam para sul. Nunca conseguiriam sobreviver a outro Inverno naquele lugar.

Quando já havia luz suficiente para usar os binóculos, levou-os ao rosto e examinou o vale mais abaixo. Tudo perdera a cor e se dissolvia no negrume. A cinza macia era arrastada em remoinhos soltos por cima do asfalto. Perscrutou tudo quanto a sua vista alcançava. Os troços de estrada lá ao fundo, no meio das árvores mortas. Procurava qualquer mancha colorida, qualquer indício de movimento, qualquer vestígio do penacho de fumo de uma fogueira. Baixou os binóculos e retirou a máscara de algodão do rosto e limpou o nariz ao pulso e depois tornou a examinar as cercanias com os binóculos. Em seguida limitou-se a ficar ali sentado, a segurar os binóculos e a ver a aurora cor de cinza a congelar sobre a terra. Sabia apenas que o rapaz era a sua garantia. Disse: Se ele não é a palavra de Deus, Deus nunca falou.

Quando regressou, o rapaz ainda estava a dormir. Retirou o oleado azul que o cobria, dobrou-o e levou-o até ao carrinho de supermercado e guardou-o e regressou com os pratos e alguns bolos de milho num saco de plástico e uma garrafa de plástico contendo xarope de bordo. Abriu no chão o pequeno oleado que usavam à laia de mesa e dispôs em cima tudo o que trouxera do carrinho e tirou a pistola do cinto e pousou-a na lona e depois ficou ali parado, a ver o rapaz dormir. Durante a noite este tirara a máscara, que estava agora oculta algures entre os cobertores. O homem contemplava-o e olhava através das árvores, na direcção da estrada. Aquele lugar não era seguro. Podiam vê-los da estrada, agora que o dia nascera. O rapaz virou-se nos cobertores. Depois abriu os olhos. Olá, papá, disse.

Estou aqui mesmo.

Eu sei.

Uma hora depois, já estavam a calcorrear a estrada. Ele empurrava o carrinho e tanto ele como o rapaz levavam mochilas às costas. As mochilas continham as coisas essenciais, para o caso de terem de abandonar o carrinho e fugir. Preso à pega do carrinho havia um espelho cromado de motocicleta que ele usava para vigiar a estrada atrás deles. Ajeitou a mochila de modo a apoiá-la um pouco mais alto nos ombros

e esprou a vista sobre a paisagem devastada. A estrada encontrava-se deserta. Mais abaixo, no pequeno vale, a linha sinuosa de um rio, estagnado e cinzento. Imóvel e de contornos bem precisos. Ao longo da margem, uma amálgama de juncos mortos. Está tudo bem contigo?, perguntou. O rapaz fez que sim com a cabeça. E então puseram-se os dois a caminhar no asfalto sob a luz metálica, cinzento-azulada, a arrastar os pés na cinza, e cada qual era o mundo inteiro do outro.

Atravessaram o rio por uma velha ponte de betão e, alguns quilómetros mais adiante, depararam com uma estação de serviço na berma da estrada. Imóveis no asfalto, examinaram-na. Acho que devíamos ir ver, disse o homem. Dar uma olhadela. As ervas chegavam-lhes ao joelho e desfaziam-se em pó à sua passagem. Atravessaram o tapete de asfalto cheio de fissuras e procuraram o tanque de combustível para as bombas. A tampa desaparecera e o homem apoiou-se nos cotovelos para cheirar o cano, mas o odor a gasolina não passava de resquício, vago e cediço. Ele ergueu-se e observou a construção. As bombas de pé, com as mangueiras estranhamente ainda no seu lugar. As vidraças intactas. A porta de acesso à oficina estava aberta e ele entrou. Um carrinho metálico para guardar ferramentas, alto e estreito, encostado à parede. Vasculhou as gavetas, mas nada encontrou que lhe pudesse ser útil. Chaves de caixa de meia polegada em bom estado. Um roquete. Ali parado, percorreu a garagem com os olhos. Um bidão metálico cheio de lixo. Entrou no escritório. Pó e cinzas por todo o lado. O rapaz ficou à porta. Uma secretária de metal, uma caixa registadora. Meia dúzia de velhos manuais de instruções de automóveis, impregnados de água e deformados. O linóleo estava manchado e com as pontas enroladas por causa dos buracos no tecto. Ele acercou-se da secretária e ficou-se ali. Depois pegou no auscultador do telefone e marcou o número da casa do pai naquele passado distante. O rapaz olhava-o. O que é que estás a fazer?, perguntou.

De novo na estrada, depois de percorrerem quatrocentos metros, ele parou e voltou-se. Estamos a ser burros, disse. Temos de voltar para trás. Empurrou o carrinho para fora da estrada e fê-lo tombar de lado num lugar onde não seria visto e deixaram ali as mochilas e regressaram à estação de serviço. Na oficina, arrastou o bidão de aço do lixo para o centro da divisão e derrubou-o e, aos piparotes, retirou do

meio dos detritos todas as garrafas de óleo de litro. Depois sentaram-se no chão a decantar os restos dos recipientes, um por um, deixando as garrafas de plástico a escorrer para dentro de uma tina, viradas de pernas para o ar, até que, no fim de tudo, tinham quase meio litro de óleo de motor. O homem enroscou a tampa de plástico e limpou a garrafinha com um trapo e sopesou-a na mão. Óleo para a pequena candeia artesanal, para lhes iluminar os longos crepúsculos cinzentos, as longas alvoradas cinzentas. Agora já me podes ler uma história, disse o rapaz. Não é, papá? Sim, disse ele. Agora já posso.

Do lado oposto do vale do rio a estrada atravessava uma zona ardida, completamente negra. Troncos de árvore calcinados e sem ramagens cobriam o terreno em todas as direcções. A cinza movia-se sobre o asfalto e os dedos flácidos dos fios cegos que pendiam dos postes eléctricos enegrecidos soltavam queixumes ténues sob as rajadas de vento. Uma casa ardida numa clareira e a seguir um extenso prado despido e cinzento e um talude de terra barrenta e vermelha, em carne viva, onde as obras na estrada tinham sido abandonadas. Mais adiante viam-se painéis publicitários a anunciar motéis. Tudo como fora em tempos, só que desbotado e estragado pelas intempéries. No alto do monte pararam ao frio e ao vento, a recuperar o fôlego. Ele olhou para o rapaz. Eu estou bem, disse este. O homem pôs-lhe a mão no ombro e fez um sinal com a cabeça a indicar a paisagem desafogada aos pés deles. Tirou os binóculos do carrinho e, parado na estrada, perscrutou a planície lá em baixo, onde a silhueta de uma cidade se recortava na extensão cinzenta como um desenho a carvão traçado na aridez. Nada prendia o olhar, nenhum fumo. Posso ver?, perguntou o rapaz. Sim. É claro que podes. O rapaz apoiou-se no carrinho e ajustou a roda de focagem. O que é que vêes?, perguntou o homem. Nada. Baixou os binóculos. Está a chover. Sim, disse o homem. Eu sei.

Deixaram o carrinho num barranco, tapado com o oleado, e subiram a encosta por entre os postes escuros das árvores mortas até onde ele avistara uma longa saliência rochosa e sentaram-se por baixo da laje de pedra e ficaram a contemplar as cortinas cinzentas de chuva que o vento soprava através do vale. Estava muito frio. Sentaram-se os dois, aninhados um contra o outro, cada qual embrulhado num

cobertor por cima do casaco, e ao fim de um certo tempo a chuva parou e só se ouvia o tamborilar das gotas na floresta.

Quando as nuvens se dissiparam, desceram até ao carrinho e retiraram o oleado e pegaram nos cobertores e nas coisas de que iam precisar para a noite. Tornaram a subir a encosta e acamparam na terra seca por baixo dos rochedos e o homem sentou-se e abraçou o rapaz, tentando aquecê-lo. Embrulhados nos cobertores, a perscrutarem as trevas sem nome que os vinham amortilhar. A silhueta cinzenta da cidade eclipsou-se como uma aparição assim que a noite caiu e ele acendeu a candeiazinha e pô-la mais atrás, para a resguardar do vento. Depois encaminharam-se para a estrada e ele pegou na mão do rapaz e subiram até ao alto da colina onde a estrada transpunha o cume e onde podiam espriaiar a vista pela paisagem a sul que a escuridão ia cobrindo, ali parados ao vento, embrulhados nos cobertores, procurando qualquer indício de fogueira ou candeia. Não se via nada. A candeia nos rochedos, na encosta do monte, pouco mais era do que um salpico de luz e, ao fim de um certo tempo, regressaram. Tudo demasiado encharcado para fazer lume. Comeram a magra refeição fria e deitaram-se, envoltos nos cobertores, com a candeia entre eles. Ele tinha trazido o livro do rapaz, mas este estava cansado de mais para ler. Podemos deixar a candeia acesa até eu adormecer?, perguntou. Sim. É claro que podemos.

Demorou imenso tempo a adormecer. Ao fim de um bocado, virou-se e olhou para o homem. Sob a luz ténue via-se-lhe o rosto raiado de negro da chuva como um actor trágico do velho mundo. Posso perguntar-te uma coisa?, disse.

Sim. Claro que sim.

Vamos morrer?

Um dia havemos de morrer. Mas não agora.

E continuamos a ir para sul.

Sim.

Para não termos tanto frio.

Sim.

Está bem.

Está bem o quê?

Nada. Está bem, só isso.

Dorme.